



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **IDENTIDADES COSTURADAS NA *SULANCA*: ANOTAÇÕES SOBRE O SER PROFESSORA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE – PE**

Thereza Cristina Leandro da Silva Queiroz Santos

*Universidade Federal da Paraíba – UFPB, therezacristinasantos@gmail.com*

**Resumo do artigo:** O local da nossa investigação é uma cidade do agreste pernambucano, marcada pela produção e comercialização de peças de vestuários, denominada *sulanca*. Na qual buscou-se delinear a identidade docente, problematizando as relações de gênero que interferem na escolha das professoras pela profissão e no lugar social que ocupam. Visto que desde a década de 60, a atividade confeccionista tem provocado mudanças significativas na organização local. Assim, foram entrevistadas 18 professoras, pertencentes às escolas municipais, adotando-se uma metodologia qualitativa e fazendo uso da entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo e apontaram para a docência como uma das possibilidades de acesso ao mercado de trabalho em Santa Cruz do Capibaribe, além de ser costureira ou *sulanqueira*. Bem como, indicam que o acesso ao trabalho ocorre de modo ainda precário e desvalorizado: tanto do lado das professoras, quanto das *sulanqueiras*.

**Palavras-chave:** *Sulanca*, professoras, identidade.

### **Introdução**

O presente artigo é fruto de uma investigação sobre a construção da identidade docente em Santa Cruz do Capibaribe, cidade do agreste pernambucano. De modo que buscou-se analisar o porquê de as professoras escolherem a docência, quais as relações de gênero existentes nesse contexto, e qual o lugar social que essas mulheres ocupam.

A escolha dessa localidade, como campo de investigação, ocorre pelo seu arranjo bastante específico, pois possui uma economia marcada pela produção e comércio de peças de vestuário, de baixo custo, em sua maioria. Tal atividade recebe o nome de *sulanca*, que seria uma aglutinação dos nomes sul e helanca:

A etimologia da palavra *sulanca* é na verdade incerta. Alguns registros indicam que vem de “helanca vinda do sul” (helanca, por sua vez, é um tipo de tecido). Existe, também, outra versão suficientemente lógica para a origem da palavra *sulanca*. Algumas



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

peças que ajudaram a criar desde o princípio a atividade confeccionista local relatam um fato que teria originado o termo *sulanca*. Dizem que um comprador de roupas (ninguém sabe quem foi), enquanto olhava as peças que iria comprar, ficou procurando um termo para classificar aqueles produtos e o associou à sucata. Como sucata é um termo utilizado normalmente para metais, ele criou espontaneamente uma derivação: *sulanca*, que seria uma espécie de sucata de tecido (BEZERRA, 2004, p. 46).

Santa Cruz do Capibaribe foi pioneira nesse setor, trabalhando com sobras de tecidos desde a década de 1960. Tal história foi retomada para refletir sobre o papel da mulher na cultura local, o lugar que lhe é destinado: ora como produtora desse processo de confecção – costureira, ora como produtora da cultura local através da educação – professora.

A análise aqui empreendida será da figura da professora, porém sempre retomando a figura da costureira, porque a identidade se constrói a partir da diferença. Além de que, nesse contexto específico, muitas vezes as duas escolhas coexistem. Tal afirmação tem latente a ideia de que uma identidade precisa do diferente para afirmar-se como tal. Nesse sentido, o sociólogo Zygmunt Bauman defende que “Afinal de contas, perguntar ‘quem é você’ só faz sentido se você acreditar que possa ser outra coisa além de você mesmo [...]” (BAUMAN, 2005, p. 25).

Assim, podemos inferir que a cultura da *sulanca* produz representações únicas do feminino, de modo que “A cultura não é um anexo, mas sim uma interpeladora, recrutando-nos a determinadas posições-de-sujeito” (BERNARDES; HOENISCH, 2003, p. 112). Tal reflexão também revela as relações de gênero que estão naturalizadas nessa localidade. Sobre gênero, é importante entender que é uma elaboração social, cultural, como aponta Louro (1997, p. 21):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental.

Nesse sentido, gênero é compreendido como uma produção, que ocorre na e a partir da cultura. Sendo possível observar que a *sulanca* produz significações bastante específicas do gênero feminino. Pois a atividade confeccionista garante as mulheres acesso ao mercado de trabalho desde a década de 60, quando a atividade ganha notoriedade. Entretanto, muitas vezes essas atividades ocorrem sem empoderamento dessas mulheres acerca dos seus direitos. Tanto quando trabalham como produtoras da *sulanca* ou como professoras.

De modo que as mulheres *sulanqueiras* padecem da ausência de reconhecimento oriunda da informalidade. Dados de estudo do SEBRAE indicam que existam 7.169 unidades produtivas de confecções em Santa Cruz do Capibaribe, das quais a incidência da informalidade atingiu o percentual de 81,2 % no ano de 2012, quando foi realizada a pesquisa (SEBRAE, 2013).

E as mulheres professoras sofrem com o desprestígio cultural da qual a educação escolar é vítima. Pois, historicamente, a docência também foi construída sob o signo da desvalorização, principalmente com o acesso da mulher a esse espaço. Nas palavras de Vianna (2002, p. 90) “O processo de feminização do magistério associa-se às péssimas condições de trabalho, ao rebaixamento salarial e à estratificação sexual da carreira docente, assim como à reprodução de estereótipos por parte da escola”.

Essa condição de precarização marca a atividade docente desde que foi feminizada, no final do século XIX. Momento em que o Brasil procurava expandir a escolarização e necessitava de mão-de-obra barata, como afirma Catani (1997, p. 28-29):



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia — procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres.

Esse recorte aponta para o fato de que, muita embora, a maioria das mulheres acessem o mercado, elas permanecem na informalidade, sem garantia de direitos trabalhistas e muitas vezes de reconhecimento. A mesma sociedade que convida ao trabalho, faz com que isso ocorra de um modo sacrificante, como aponta a autora feminista sobre a posição da mulher:

O que ela desejaria é que a conciliação da vida familiar com um ofício não exigisse dela desesperantes acrobacias. [...] A época atual convida as mulheres ao trabalho, obriga-as mesmo a isso, mas acena-lhes com paraísos de ócio e delícias e exalta as eleitas bem acima das que permanecem presas a este mundo terrestre. O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens. Em conjunto, elas ainda se encontram em situação de vassalagem (BEAUVOIR, 1970, p. 176-177).

Dessa maneira, muito ainda é preciso progredir para tirar a mulher dessa condição de vassala, de menor, de segundo sexo, como aponta a autora citada acima. As mulheres que edificam grande parte da cultura da *sulanca*, não possuem ainda o merecido reconhecimento e apropriação de direitos dos quais são detentoras, nem no papel de professora, nem na atividade confeccionista.

Destarte, é importante ressaltar que a atividade confeccionista modificou o cotidiano local, mas também gerou uma rivalidade entre quem sobrevive da produção de peças de vestuário e quem optou pela educação. Pois nessa prática há um enriquecimento de boa parte de comerciantes sem a necessidade de apropriação de um



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

saber escolar. Essa reflexão é necessária, pois embora as mulheres gozem de posições diferentes pelas escolhas profissionais que possuem (costureira ou professora), ambas compartilham dos impasses do feminino nessa cultura. E, muitas vezes, exercem os dois papéis simultaneamente.

### **Metodologia**

Visando atender aos objetivos propostos, essa investigação adotou uma perspectiva qualitativa, buscando dar voz as mulheres professoras, pertencentes e construtoras da cultura da *sulanca*. Pois nesse tipo de pesquisa, os fenômenos humanos “[...] estão possuídos de características específicas: criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas” (CHIZZOTTI, 2011, p. 29).

A partir dessa abordagem, utilizou-se o instrumento da entrevista semiestruturada, realizada com 18 professoras, lotadas em escolas municipais, com variação de idade entre 27 e 57 anos. As participantes foram escolhidas pelo critério de acessibilidade, buscando-se as escolas mais centrais do município. Também foi utilizado como critério a moradia na cidade há mais de 10 anos, período em que algumas mudanças significativas ocorreram no local, como a implantação de algumas faculdades.

As entrevistadas se dispuseram a participar livremente da pesquisa, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este estudo foi devidamente registrado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba, sob o Protocolo de número 537/13, CAAE: 20279313.3.0000.5188.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, e os dados foram divididos em categorias, método inspirado na análise de conteúdo de Bardin, que, segundo Mynayo (1994), proporciona descobrir aquilo que está por trás do conteúdo que foi manifesto, transcendendo as aparências. Assim, os elementos observados foram



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

considerados em unidades de registro, que “[...] se referem aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem” (MINAYO, 1994, p.75).

### Resultados e Discussão

A análise empreendida, no que se refere a escolha pelo magistério e sua relação com o gênero, apontou para três categorias importantes: a docência como a única escolha possível; a escolha entre ser *sulanqueira* ou professora; e a conciliação entre as duas atividades.

O primeiro ponto nos remete as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para acessar o mercado de trabalho. Questão trazida principalmente pelas profissionais de mais idade e que vivenciaram o início da abertura de oportunidades, como aponta a entrevistada, ser professora era o que restava: “(...) há 20 anos, 22 anos atrás era uma das opções que tinha em forma de... O ensino médio era magistério, técnico em contabilidade ou ensino médio. Então [...] eu optei pelo magistério” (Bethânia<sup>1</sup>, 40 anos, 20 anos de profissão e reside em Santa Cruz do Capibaribe desde que nasceu).

A entrevistada Marisa também se refere a escolha pelas salas de aula como a única opção possível na época, o que implica a ideia da falta de oportunidades no contexto local, mas que é fruto de um processo mais amplo de exclusão do feminino: “Foi uma opção, porque... por falta de outras. Porque, na verdade eu queria ser estilista. Mas eu não tive oportunidade e eu resolvi ser professora” (Marisa, 37 anos, 19 anos de profissão e reside em Santa Cruz do Capibaribe desde que nasceu).

As escolhas também carregam, em Santa Cruz do Capibaribe, a marca da atividade confeccionista, que modificou e vem modificando o modo de vida e as produções identitárias. Pois, ser professora, aparece como alternativa a ser costureira, pelo menos há algum tempo atrás, como ilustra a fala das entrevistadas:

---

<sup>1</sup> Por questões de sigilo, trataremos as entrevistadas por nomes fictícios.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É, eu escolhi ser professora... Por falta de opção na época, que o campo de educação, é, o campo era muito restrito, então, ou você era *sulanqueiro* ou professor. Num é hoje, hoje se abriu mais, né? Mas na minha época foi porque não tinha opção mesmo (Nara, 44 anos, 22 anos de profissão e reside em Santa Cruz do Capibaribe desde que nasceu).

Porque na época que eu tava estudando, cursando magistério, então eu, era mais fácil conseguir emprego, ou era professora ou costureira. Aqui, né? A confecção que já tinha iniciado aqui, então eu fiquei como professora (Sofia, 48 anos, 15 anos de profissão e reside em Santa Cruz do Capibaribe desde que nasceu).

Todavia, observa-se que, em algumas situações, as professoras comungam e compartilham dos saberes vinculados nas escolas e nos espaços de produção de vestuário. Das 18 entrevistadas, 4 afirmaram exercer paralelamente a docência e a *sulanca*, conseguindo conciliar as atividades. Como ilustra a fala:

Eu trabalho com a *sulanca* também [...] eu trabalho só um horário, é, como professora, e, o outro horário eu me dedico a outra atividade [...] pra falar a verdade, eu acho bom as duas coisas: como *sulanqueiro* que tá na rua, você tá livre, tem contato com pessoas de outras cidades, de outro lugar, num é? E dá pra ir levando as duas (Flora, 41 anos, 20 anos de profissão e reside em Santa Cruz do Capibaribe há 35 anos).

Uma questão interessante para pontuar, tanto na fala de Nara quanto na de Flora, o termo *sulanqueiro* aparece no masculino, embora estejam falando de uma atividade exercida por elas. Tal flexão pode ser um indicativo de como ocorrem as relações de gênero nessa cultura, onde grande parte das empresas são familiares, e as mulheres desdobram-se tanto na confecção quanto na comercialização das peças produzidas. Todavia, grande parte dos lucros é arrecadada pelos homens. Esses discursos podem apontar para um sentimento de não-pertencimento frente a atividade que exercem.

### Conclusões



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tal reflexão apresenta-se como um recorte da realidade pesquisada. O que oferece uma pequena amostra das construções feitas pelas professoras em Santa Cruz do Capibaribe, cidade que se destaca pela sua atividade confeccionista. Prática que desde da década de 60 vem ampliando as oportunidades de trabalhos para as mulheres, porém, o acesso ocorre, muitas vezes, de modo desigual.

Tais afirmações podem ser confirmadas através das falas das entrevistadas, que, enquanto educadoras, estão inseridas num processo amplo de desvalorização da carreira, e como *sulanqueiras*, embora protagonistas desse processo, experimentam o peso do não reconhecimento.

Nesse sentido, embora professoras e *sulanqueiras* vivenciem atividades distintas, ambas compartilham das mesmas dificuldades encontradas e impostas à mulher: a desvalorização cultural e financeira e a falta de opções para ingressar no mercado de trabalho. O que é ainda mais preocupante no caso das docentes, pois como formadoras de opinião, devem ter consciência de seu protagonismo, lutando pelos seus direitos e melhores oportunidades.

É notório que muito já foi conquistado em Santa Cruz do Capibaribe, desde o surgimento da *sulanca*. Principalmente com a implantação de unidades de ensino superior, desde 2005, e conseqüentemente com a ampliação de possibilidades para as mulheres. Contudo, muito precisa ser melhorado, principalmente quando se trata de discutir sobre as representações da mulher na cultura local, incentivando e promovendo o empoderamento dessas agentes na construção de uma sociedade que garanta equidade e possibilidades de escolha.

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BERNARDES, Anita G. & HOENISCH, Júlio C. D. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, Neuza M. F. & BRUSCHI, Michel E. (Orgs.) **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 95-126.

BEZERRA, Bruno. **Caminhos do desenvolvimento: Uma história de sucesso e empreendedorismo em Santa Cruz do Capibaribe**. São Paulo: EI – Edições Inteligentes, 2004.

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In: CATANI, D. et al. (org.) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SEBRAE. **Estudo econômico do arranjo produtivo local de confecções do agreste Pernambuco, 2012**. Recife, maio de 2013. Disponível em <[www.sebrae.com.br/uf/pernambuco/downloads/estudos-e-pesquisas/copy2\\_of\\_aprenda/estudo-economico-do-apl-de-confeccoes-do-agreste.pdf](http://www.sebrae.com.br/uf/pernambuco/downloads/estudos-e-pesquisas/copy2_of_aprenda/estudo-economico-do-apl-de-confeccoes-do-agreste.pdf)> Acesso em 28 ago. 2015.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 Ago. 2015.